

ARROZ DE PALMA: UMA RECEITA DE FAMÍLIA

ARROZ DE PALMA: A FAMILY RECIPE

Recebido: 11/03/2022

Aprovado: 30/06/2022

Publicado: 28/07/2022

DOI: 10.18817/rlj.v6i1.2747

Rosa Cristina Hood Gautério¹

Orcid ID: <https://orcid.org/0000-0002-5973-4864>

Resumo: *O arroz de Palma*, de Francisco Azevedo, narra a história de uma família de imigrantes portugueses no Brasil, que são parte de um grande grupo que se desloca pelo mundo, e cheia de calor humano. Trata-se de uma narrativa correntia organizada por um narrador personagem octogenário. O presente texto busca considerações de Walter Benjamin sobre o narrador e este como sujeito que se configura no conceito do “entre-lugares”, situado nos variados conceitos de exílio, a partir das reflexões trazidas por Stuart Hall, Homi Bhabha e Edward Said, bem como os demais teóricos que contribuirão para o desenvolvimento da análise proposta.

Palavras-chave: Entre-lugar; Literatura; Memória.

Abstract: *O arroz de Palma*, by Francisco Azevedo tells the story of a family portuguese immigrants in Brazil, who are part of a large group that move around the world, and full of human warmth. It is a current narrative organized from the memories of an octogenarian character narrator. This text seeks consideration by Walter Benjamin about the narrator and this as a subject the configures itself in the concept of between-places, situated in the varied concepts of exile, in the reflections brought by Stuart Hall, Homi Bhabha and Edward Said, as well the other theorists who will contribute to the development of the proposed analysis.

Keywords: between places; Literature; memory.

O mundo em movimento

Os movimentos de uma multidão pelo mundo têm sido temas de reflexões cada vez mais presentes entre teóricos e pensadores na política internacional. No mundo literário, por sua vez, circulam um número representativo de narrativas ficcionais que tecem reminiscências sobre um sujeito deslocado e fundamentalmente coletivo, uma vez que as vozes estão sempre imbricadas em situações sociais que recriam histórias de uma família, de uma cidade, de um país. Cada narrativa, ainda

¹ Graduada em Letras/Português pela Universidade Federal do Rio Grande- FURG . Tem experiência na área de Letras com ênfase em Teoria Literária. Possui Mestrado em Letras, integrando a linha de pesquisa: Literatura, história e memória literária, pela mesma universidade. É doutora pelo Programa de Pós-Graduação da Universidade Federal de Santa Catarina- UFSC, com bolsa REUNI entre 2012 e 2013 e CAPES_DS entre 2014 e 2015, aliada a Linha de Pesquisa: Crítica Feminista e Estudo de gênero, como estágio no Programa de Doutorado Sanduíche no Exterior (PDSE), apoiada pela CAPES, na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa- FLUL, vinculada ao Centro de Literaturas e Culturas Lusófonas e Europeias- CLEPUL, como investigadora no grupo 6 de estudos: Brasil ? Portugal: Cultura, Literatura e Memória. Atualmente é colaboradora nos projetos: Portugueses de papel na Cátedra Infante Dom Henrique, do CLEPUL, da Universidade de Lisboa e do Ciclo de Pesquisas Literárias ? CIPEL, de Porto Alegre. E-mail: rosacristinah@yahoo.com.br

que ficcional, é importante para a compreensão das relações históricas, humanas e sociais no mundo, como aponta Edward Said:

(...) as histórias profundamente complexas e entrelaçadas das experiências específicas, mas mesmo assim interligadas e sobrepostas- das mulheres, dos ocidentais, dos negros, dos Estados e culturas nacionais-, não há nenhuma razão intelectual particular para conceder um estatuto ideal e essencialmente separado a cada uma delas. Mas seria desejável preservar o único em cada qual, enquanto também preservamos algum sentido da comunidade humana e das disputas efetivas que contribuem para a sua formação, e das quais todos participaram. (1999, p. 65)

O romance apresenta a trajetória de uma família de portugueses na condição de sujeito deslocado num universo multicultural². Quando se pensa sobre sujeitos deslocados entende-se identidades em trânsito ou sujeitos localizados no “entre - lugares”, conforme conceito de Bhabha (1998). O grupo vive seu próprio exílio, pois saídos de sua terra vivem entre as fronteiras do mundo. Então, como pensar, por exemplo, o pertencimento³ após a diáspora, uma vez que “essencialmente presume-se que a identidade cultural seja fixada no nascimento, seja por parte da natureza impressa através do parentesco e da linhagem de genes, seja constitutiva de nosso eu mais interior”? (HALL, 2003, p. 28).

O romance das memórias

Francisco Azevedo publica o romance *O arroz de Palma*, que tem várias edições sendo publicado em mais de dez países. A história entre trânsitos atlânticos que se desenrola sob o céu brasileiro é, sobretudo, uma receita de família regada a especiarias das complexas relações humanas no exílio. Uma inspiração mítica permeia a narrativa a partir da voz do personagem narrador⁴ *Antônio* que aos 88 anos prepara um almoço antecipado para celebrar os 100 anos do casamento dos pais em longínquas terras portuguesas no ano de 1908. Enquanto prepara a comida rememora o caminho traçado pela sua família. Esse é o narrador apontado por Walter Benjamin

² Para Stuart Hall (2003) o termo “multicultural” tonou-se um significante oscilante, mas pode ser utilizado para definir características sociais apresentadas por qualquer sociedade na qual diferentes comunidades culturais que convivem e tentam construir uma vida em comum.

³ Conflitos de cunho identitário resultado dos deslocamentos, implicando novas orientações interculturais, referentes ao encontro entre culturas e identidades (BHABHA, 2010)

⁴ O personagem narrador é aquele que conduz a narrativa em primeira pessoa e está necessariamente envolvido nos fatos que narra, segundo tipologia de Beth Brait (1987).

(1985), que afirma que os contadores de histórias estão ligados à ideia das próprias lembranças e contam a partir da experiência individual.

Antônio lembra suas próprias experiências em companhia dos seus antepassados que “chegam com diferentes idades (...) falantes ou silenciosas” (2011, p. 9)⁵ com depoimentos singulares sobre pequenos incidentes familiares, as dificuldades, as tradições, os deslocamentos e os eventos da família que “é um prato difícil de preparar. São muitos os ingredientes. (...) Não é para qualquer um” (p. 11), afirma

A narrativa percorre uma dimensão mítica a partir da relação entre um símbolo e um objeto, uma causa e um efeito. Essa configuração se apresenta no arroz que é utilizado no tradicional ritual da cerimônia dos casamentos da família a começar pelo enlace dos pais em Portugal. A irmã do noivo, *Palma*, recolhe o arroz espalhado e o presenteia aos noivos, com o seguinte cartão: “Este arroz- plantado na terra, caído do céu como maná do deserto e colhido da pedra- é símbolo de fertilidade e eterno amor. Esta é minha bênção. Palma” (p. 18). Significativamente, a escrita remete ao texto bíblico do Êxodo que descreve o maná como alimento fornecido por Deus ao povo que se encaminha para a terra prometida. O arroz de Palma, que dá título ao livro, é símbolo de união, fertilidade e liga a memória afetiva da família, movimentando todo o romance.

Em *O Arroz de Palma*, o jovem casal português decide sair de sua terra natal em direção aos trópicos: “as notícias não param de chegar. Falam do Brasil, das terras férteis à espera de quem arregace as mangas. Falam do novo século XX (...) Papai, (...) sabe ser bem vantajosa a vinda da irmã que o criou. Em 12 de julho de 1909 os três embarcam para o Rio de Janeiro (p. 30).” A família portuguesa atravessa o Atlântico em busca da terra prometida, mas o mar também sugere diluição e misturas que os aguardam no destino.

Os sujeitos do “entre – lugares” apontado por Bhabha (1998) sofrem perda significativa de suas identidades quando ocorre o fenômeno de aculturação, pelo qual o indivíduo de uma determinada cultura entra em contato com outra, localizando-se numa eterna reconstrução de si mesmo. Nesse contexto, no decorrer do romance, o

⁵ Ao longo da análise proposta, toda a vez que citarmos o romance *O arroz de Palma* e as narrativas atreladas ao narrador e outros personagens, não utilizaremos a data de publicação entre parênteses, mas e somente a indicação da página citada, uma vez que já foi feita a indicação de que a publicação utilizada na análise foi a primeira edição do ano de 2008, evitando exaustivas repetições.

filho já nascido no Brasil, o jovem *Antônio* sai da fazenda *Santo Antônio da União* deixando o lugar que não era dos pais nem dele e vai para a cidade em busca de sucesso financeiro com o propósito de retornar e casar com a filha do fazendeiro, Isabel:

Eu sou o paletó de lã, a mala na mão. Eu sou o que está pronto para viajar. Sou saúde e audácia. Mamãe não acredita no que vê. Papai exige explicação. Começamos a protagonizar mais uma de nossas cenas. (p. 66)

(...)

_ Papai reconhece a perda, inaugura a saudade.
_ Este já não nos pertence.
_ Deixemos a casa dos nossos pais. Eles deixam a nossa, É a ordem natural das coisas. (p. 68)

Antônio procura dar significado a própria história e se posiciona entre dois mundos num processo de negociação e entre dois eixos de valores. Não há sentimento de pertença em nenhum deles.

O narrador e a história contada.

“Contar histórias sempre foi a arte de contar de novo”, diz Walter Benjamin (1987, p. 205). O narrador sempre se apresenta entre os sábios, aquele que sabe dar conselhos a partir de suas próprias experiências, mas experiências que também são compartilhadas por vidas alheias. Dessa premissa, *Antônio* tece muitas histórias de todos os membros familiares: dos pais, dos três irmãos, dos filhos e de *Tia Palma*, porque é dele a autoridade de interpretar a história e recriar sua receita; entretanto, ele também dá voz aos outros personagens em vários momentos, como um modo de contar o que se sucedeu e o que disseram os outros que também participaram da história, como exemplo na página 37:

_ Ora, Maria Romana! Não sejas tola! O entupimento do teu marido é na alma. É sério, estou a te dizer. (...) Lá fora continua querido por todos. Cá dentro de casa, é outro. Irreconhecível. E há só um jeito de curá-lo: o arroz!

_ O arroz?!

_ Ainda o tens guardado?

_ É claro, está escondido lá no oratório.

A relação do narrador com a história contada é vista a partir de um personagem que relata a si mesmo, que participa dos eventos. Mas ele se consolida por aquilo que

também sabe ouvir. As vozes alheias são pontes onde ele se encontra consigo mesmo, afirma Benjamin (1985).

No decorrer da narrativa, há três momentos distintos na história familiar: um primeiro momento, *Tia Palma* recolhe o arroz espalhado na igreja no enlace de *Maria Romana* e *José Custódio* e o presenteia ao irmão José e a cunhada, como símbolo fundador de união que deve frutificar raízes; um segundo momento, anos depois no Brasil, o arroz macula a união do filho do casal, *Antônio* com a jovem brasileira *Isabel*; e no terceiro momento, os filhos gêmeos que nascem desse casamento no Brasil, Nuno e Rosário, derramam o arroz no chão em peripécias pueris.

A partir daí, vários acontecimentos irão produzir efeitos diversos ao romperem “o cordão umbilical que chamamos de ‘tradição’, cujo teste é o de sua fidelidade às origens” (HALL, 2003, p. 29). No romance, os filhos promovem rupturas de toda espécie: desunião, questões de gênero, influência de outras fontes, linguagens, valores e casamentos sem procriação. “Você acha que o arroz de sua Tia Palma tem alguma coisa com a ver com as opções do Nuno e da Rosário?” (p. 304).

Nas histórias narradas por *Antônio*, os processos de aculturação ainda estão sendo construídos. Os imigrantes compreendem que não se vive impunemente em outros lugares, outras sociedades, outros países, como se observa na conversa entre *Palma* e a cunhada:

_ A senhora sente saudades de Portugal?
_ saudades? Não
_ Não?!
_ Onde já si viu? Saudades! Não tens a mínima noção do que estás a dizer.
Ela, um aperto no peito, quase dor, mexe a panela. Eu, mudo, pasmo, queixo caído. Tia Palma se desconcentra, tira o tacho do fogo. Bate forte duas vezes com a colher de pau na borda, solta o que deve ser solto. Toma fôlego, vira-se para mim. Os olhos a ponto de entornar. Mas não entornam. A pitada de irritação não deixa. (p. 180).

Tia Palma é a presença da terra ausente. Ela possui uma identidade cultural imutável no qual o teste é sua fidelidade às origens, pois no Brasil não casa, não mistura sangues. Ela é o elo do sentimento de pertença do sobrinho *Antônio*, cozinheiro por profissão e dono de restaurante.

O então octogenário prepara a festa durante a madrugada que reunirá a família para festejar os 100 anos de casamento dos pais em terras além mar, enquanto revisita memórias cercado de fantasmas e recordações:

Por onde andará Tia Palma? Às vezes, fica tempos sem aparecer. Às vezes, vejo-a perambulando pela casa com a mamãe e papai e nem preciso de óculos. (...) Imaginação? Sensibilidade? Perco a noção. Me pego conversando com esse menino que era eu. (...) revejo aquela minha Isabel apaixonada, Revejo meus filhos quando ainda estavam pertos e eram meus. (p. 9)

Nesse contexto, o narrador procura fazer ligações entre os diferentes momentos narrados na história: a vida com os pais e com a tia enquanto menino e a vida adulta, quando casado com Isabel.

Formas da memória

“Quase tudo na narrativa está a serviço da informação, (...) mas o contexto psicológico da ação não é imposto ao leitor” (BENJAMIN, 1985, p. 202), mas perceptível por ele. Na cozinha, o leitor percebe que o espaço é marcado pelo narrador em dois planos, um físico e um temporal: “Eu aqui na fazenda. Eu aqui na cozinha, quatro e pouco da manhã (...) estamos no ano de 2008” (p. 23), e a ligação com o psicológico onde ocorre a ligação com um universo mais amplo: “É na cozinha que eu viajo sem passaporte” (p. 11). E na intersecção desses espaços ocorre a ambientação onde as informações vão se desenhando gradativamente aos olhos do leitor que vai conhecendo *Antônio*: “Eu aqui de avental branco, picando o tempero verde, preparo o almoço da família. (...) Tenho prática. *Tia Palma* me ensinou a cozinhar, eu era jovem” (p. 9).

A Tia, irmã do pai.⁶

Como se percebe ao longo da narração *Tia Palma* tem uma relevante representação no universo do narrador e não por acaso o grau de parentesco é grafado sempre com letra maiúscula “Tia”. O nome que dá título ao livro também tem o seu próprio conto: “A tia, irmã do pai”. É a partir dela que o narrador amarra uma espécie de tempo psicológico na rede de relações formadas com os demais personagens da história.

⁶ A presente expressão é título de um dos capítulos do livro, página 51.

Tia Palma, a mulher celibatária⁷ pode ser pensada como outra forma de ocupar o espaço alheio, uma vez que não cria raízes em terras estrangeiras. Ela será para a família uma espécie de cordão umbilical que mantém viva a identidade de pertencimento no exílio e ligará os dois mundos, um deles será fiel à tradição à origem e a autenticidade. Para Stuart Hall,

Esse cordão umbilical é o que chamamos de “tradição”, cujo teste é o de sua fidelidade às origens, sua presença consciente diante de si mesma, sua “autenticidade”. É claro, um mito- com todo potencial real dos nossos mitos dominantes de moldar nossos imaginários, influenciar nossas ações, conferir significado às nossas vidas e dar sentido à nossa história (2003, p. 29)

Essa espécie de cordão umbilical entre o passado e o presente, entre Portugal e Brasil que mantém viva a identidade de pertencimento, amplia-se na representação mítica do arroz “O arroz plantado na terra, caído do céu e colhido na pedra”, trecho escrito pela tia no cartão, consagra a mais antiga tradição da humanidade: procriar e plantara raízes. Entretanto, para que a crença se constitua como tradição é necessário que ela faça parte da vida da família. Para F. A Yates (1994), a memória se inscreve num objeto, num corpo ou num rito como sistema coerente de representação. Ela se manifesta em seus aspectos afetivos e sociais os quais seriam incompletos se não fossem situadas num tempo e num espaço. No caso específico, o objeto ritual encontra-se arraigado à memória e esta à tradição da família portuguesa.

Um fio condutor

Acrescenta-se o tempero de uma cronologia “embaralhada” pelas idas e vindas de um tempo e de um espaço dados por meio de *flashbacks*. Mas o narrador necessita, muitas vezes, compor o fio condutor do tempo e retornar sempre ao presente com uma expressão que se repete por vários momentos da narrativa: “Eu aqui na fazenda, quatro e pouco da manhã”. Além da expressão, outro um fio de tempo também pode ser observado em um apêndice ao final do romance localizado na página 363, como espécie de fórmula que organiza o tempo cronológico distribuído em pequenos capítulos.

⁷ Sobre narrativas do não casamento, recomenda-se a leitura de MAIA, Cláudia. *A invenção da solteirona: conjugalidade moderna e terror moral- Minas Gerais (2890-1948)*. Florianópolis: Editora Mulheres, 2011.

Tais capítulos tomam a forma que lhes dá o narrador a partir de seus *flashbacks*; Logo, os acontecimentos narrados independem das informações que vem antes ou depois. Os 59 capítulos, embora não numerados, apresentam diferentes títulos e se constituem em pequenas histórias. Algumas delas são apresentações dos personagens com os quais o narrador dialoga, como por exemplo, “Nuno e Rosário”; “A tia, irmã do pai”; “Maria Romana e Palma” que se conectam a partes de um todo, misturados às demais histórias: “As medidas do amor”; “O Trato”; “Visitas e hospedagens”; “Saudade”; “Inesperado encontro”; “Sangue”; “Sagrados rituais”; “Cada um toma seu rumo”; “O sim e o não”; “Extremos”; “A herança”; “A importância de hoje”; “O possível”, entre outras. Eles poderiam ser lidos de maneira aleatória, porém, conferem a primeira e a última história uma lógica que fecha as duas pontas da narrativa.

É preciso diálogo⁸

O mesmo narrador que se expressa em forma de memórias é um produto do enredo identificado por Carlos Reis (2003) como narratário: “a dificuldade de localização textual do narratário decorre de fato de ele ser, quase sempre, uma identidade não identificada e dificilmente ‘visível’ à superfície do texto narrativo” (p. 36). Ele manifesta sua presença e revela informações a um alguém que o acompanha. Mas, em muitos momentos no romance em análise, o narratário e o narrador se fundem como exemplo na página 360 do romance: “não adianta falar assim, Antônio, feito fosse velho menino. Você é futuro, passado e presente, lembra? (...) Mas quando você mexe a panela, o tempo vai passando Antônio. E passa para vocês três”. O narratário pode ser ao mesmo tempo múltiplo? Talvez sejamos todos nós leitores a quem o narrador deseja partilhar valores, juízos e segredos:

Ótimo, agora ponha o avental, pegue a tábua e (...) não se envergonhe em chorar. Família é um prato que emociona.

Há famílias doces. Outras, meio amargas. Outras apimentadíssimas. Há também as que não têm gosto de nada assim um tipo de “Família Diet”, que você suporta só para manter a linha. (...)

Há famílias, por exemplo, que levam muito tempo para serem preparadas. E fica aquela receita cheia de recomendações de se fazer assim ou assado-uma chatice! Outras, ao contrário, se fazem de repente, de uma ora para outra, por atração física incontrolável- quase sempre de noite (...).

Enfim, receita de família não se copia, se inventa. A gente vai aprendendo aos poucos, improvisando e transmitindo o que sabe no dia-a-dia. (p. 12-14)

⁸ A expressão é título e um dos capítulos do livro, página 106.

O narratário é uma identidade não identificada que, ao contrário do narrador, ele não manifesta sua presença constituindo-se o destinatário instantâneo da narrativa, como afirma Reis (2003). Ele também é parte dos demais elementos de construção textual que são utilizados pelo escritor para estimular as reações dos leitores no jogo de linguagem.

Outro recurso na construção do narrador é o processo enunciativo. *Antônio* compõe uma enunciação correntia com características próprias da língua falada, como pode ser observado nos excertos citados do romance. É um lugar inabitual de linguagem não ornamentada que se opera na aproximação dos diálogos que são perpassados entre os personagens e entre o narrador e seu leitor.

Essa linguagem também tem sua natureza dialética e é utilizada por *Antônio* na expressão de seus pensamentos. Ele entende que as famílias estão sempre em movimento e são ameaçadas por muitas mudanças, como aponta na página 12: “Primeiro cuidado: temperos exóticos alteram o sabor do parentesco”. Seu universo foi ameaçado por mudanças de todos os tipos no intercâmbio de valores o que, segundo ele, subverteu os modelos culturais herdados: “o núcleo original se desfaz, surgem novos núcleos. E não há como manter os mesmo lugares à mesa” (p. 156). São espaços de negociação:

Pego o bonde andando. O assunto: a fase delicada nas vidas de Nuno e Rosário. (...). Os dois não chegaram de cambulhada a este planeta? Não vieram misturados no ventre da mãe?(...). Se em 1969 os dois saíram afora apara cumprir destinos e vontades com seus pares, neste 1979, quando Rosário e Mário se divorciaram, Nuno e Augusto terminaram a relação. (...) A vida nos desconcerta, repito sempre. A separação de Rosário nos traz alívio. A de Nuno, nos causa imensa tristeza. A mim é à Isabel. Vá explicar, vá entender! (p. 314)

Os traços europeus se diluem numa viagem sem retorno: “temperos exóticos alteram o sabor de parentesco. Mas, se misturadas com delicadeza, essas especiarias- que quase sempre vêm da África e do Oriente e nos parecem estranhas ao paladar- tornam a família muito mais colorida, interessante e saborosa” (p. 12), afirma *Antônio*.

Por “temperos exóticos alteram o sabor”, leiam-se histórias entrelaçadas, uma vez que na mesa da vida as cadeiras podem ser trocadas, esvaziadas ou mesmo acrescentadas. Os indivíduos decidem o que é e o que não é tradição, pois “a maneira como formulamos ou representamos o passado, molda nossa compreensão e nossa

concepção do presente” (SAID, 1999, p. 34). Mas não há nenhum espaço da vida que não seja marcado por talentos coletivos que se incorporam e se validam como afirma o narrador *Antônio*:

Tu e você emolados é mistura que muito me agrada. No passado, me incomodava, admito. Mesmo falando sozinho, estranhava a combinação informal. Puro preconceito, reconheço. Fazer o quê? Sou do tempo em que eu e seu era seu, tu era tu e você era você, Os dois juntos, nem pensar. Na gramática e na sociedade valia a mesma lei: pessoas diferentes não se misturam (p. 331)

As disputas afetivas de *Antônio* poderiam resultar em espaços inabitados, pois “a família que se senta à mesa é outra” (p. 25), como afirma.

Sob a denominação de Literatura

O romance *O Arroz de Palma* tem muitos temas presentes. Fala das mulheres, de sobrevivência, de resistências, de transformações culturais, da união entre pessoas de diferentes níveis sociais, da homossexualidade, das transformações de comportamento que resultam das mudanças culturais e sociais e de uma humilde família imigrante que leva avante o sonho de construir a vida em terras estrangeiras. A narrativa que perpassa por gerações historicamente localizadas entre os séculos XIX e início do século XXI é uma viagem de autoconhecimento do imigrante *Antônio* que busca percorrer o caminho inverso do fluxo imigratório em busca das origens:

Terminando o lanche, Leonor, Nicolau Joaquim e eu somos chamados ao quarto de Tia Palma. A herança deixada por ela comove. A quarta cadeira onde se costumava sentar fica para mim. A caixinha com jóias é entregue à Leonor; A imagem de São Joaquim passa a pertencer a Joaquim, é claro. Para Nicolau, vão duas libras esterlinas de ouro, primeiro dinheiro que Tia Palma ganha no Brasil, por ter lavado, passado e engomado as camisas dos oficiais de um navio britânico que, durante um mês, esteve ancorado no porto do Rio de Janeiro (p. 250)

O tempo presente para *Antônio* não pode representar rupturas com o passado. Ele busca a todo o momento fazer o caminho de volta e religar dois tempos e dois mundos.

A geografia dos deslocamentos é uma realidade silenciosa. A humanidade se move por guerra, por terras, espaços e bens. “As cartografias da contemporaneidade mapeiam uma gama variada de conceitos, tais como diáspora, migração, trânsito,

deslocamento, nomadismo, entre outros, que remetem à condição de exílio como a metáfora dos nossos tempos” (ALMEIDA, 2011, p. 230). O testemunho de *Antônio* sob o viés literário é a própria revisão do conceito de deslocamento, porque é um conceito sobre as complexas e entrelaçadas experiências das relações humanas, como apontou Said (1993).

As mazelas da história da família portuguesa são contadas ao longo de todo o romance pelo filho mais velho do casal que parte de Portugal para o Brasil. A última pitada de ingrediente da receita de família é dada por ele, *Antônio*, quando os tempos, o local, e as pessoas se unem numa só sequência natural das ações da vida, a morte:

meu nome é Antônio. Antônio de quê? Antônio de tudo o que vivi e passei...

Eu aqui na fazenda. Eu aqui na cozinha, quatro e pouco da manhã. Isabel ainda dorme, o sol ainda demora... Não querida largar meu corpo caído assim. (...) Creio da ressurreição da carne, na vida eterna, amém? (...). Minha alma começa a ventar e nem sei o que me espera. (...) De repente os cacos desabam e formam o inesperado desenho. Para quê então tanto cuidado? (...) Isabel, lá no quarto, conhece o final do sonho: ela desata o anel de barbante e me deixa ir. Simples assim. Sempre acompanhamos com saudade o balão que sobre céu afora e se mistura no azul. (p. 360)

“Acontece com todos (...), depois são só histórias, uns poucos retratos e receitas caseiras. Família é um prato que, quando se acaba, nunca mais se repete” (p. 361).

Para concluir

As questões propostas para esse texto foram examinadas a partir do narrador e alguns elementos da narrativa a ele atrelados. Cada um dos recursos utilizados pelo escritor Francisco Azevedo é organizado de forma que esse narrador protagonista, assumindo suas memórias como um testemunho, tome parte de um contexto histórico e tenha como referência a tradição, o pertencimento e a família. Do rito matrimonial do casal português, o arroz simboliza o húmus e a raiz da terra, representando uma espécie de cordão umbilical com o qual a personagem *Tia Palma* assegura a identidade de pertencimento no exílio na tentativa de ligar dois mundos.

Ao escrever o ensaio *O narrador* em 1936, Walter Benjamin vai além dos aspectos narrativos de um gênero. Ele aponta também aspectos relacionados à estética, à ética e a política que recaem no elemento de coletividade. E ligados ao elemento dessa coletividade, Hall, Bhabha e Said voltam-se para um momento histórico dos movimentos da população no mundo que têm sido temas de reflexões

cada vez mais presentes entre pensadores e escritores de Literatura, como Francisco Azevedo.

Arroz de Palma é um romance sobre a vida de uma família de imigrantes portugueses plena de calor humano. Eles são parte de um grupo que se desloca no mundo. E foram esses imigrantes em conjunto com alemães, japoneses, italianos e tantos outros que chegaram ao Brasil trazendo receita de imbatível coragem, construíram o que hoje chamamos de Brasil.

Referências:

ABDALA JUNIOR, B. *Introdução à análise narrativa*. São Paulo: Scipione, 1995. 96 p.

ALMEIDA, S. R. G. Exílios e diásporas: cartografias de gênero na contemporaneidade. In: *Diásporas, mobilidades e migrações*. SILVA, M. F. A et al (org.). Florianópolis: Editora Mulheres, 2011, p. 239- 253.

AZEVEDO, Francisco. *O arroz de Palma*. 2.ed. Rio de Janeiro. São Paulo: Editora Record, 2011.

BENJAMIN, W. *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. Tradução: Sérgio Renato Rouanet. Prefácio: Jeanne Marie Gagnebin. 3ª ed . São Paulo: Brasiliense, 1987. 257 p.

BHABHA, H. *O local da cultura*. Tradução Myriam Avila. Eliane Livia Reis. Glauce Gonçalves. Belo Horizonte: Ufmg, 1998. 394 p.

BRAIT, B. *A personagem*. 3ª ed. São Paulo: Editora Ática, 1987. 79 p. (Série Princípios)

GILROY, P. *O Atlântico Negro*. Modernidade e dupla consciência. São Paulo. Rio de Janeiro: 34/Universidade Candido Mendes-Centro de Estudos Afro-Asiáticos, 2001. 427 p.

HALL, S. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Tradução Tomaz Tadeu da Silva. Rio de Janeiro: DP&A, 1998. 102 p.

_____, S. *Da diáspora: identidade e mediações culturais*. Liv Soovik (org.). Tradução Adelaine Resende La Guardia et al. Belo Horizonte: Ufmg, 2003. 480 p.

JAKOBSON, R. *Linguística e comunicação*. Tradução Isidoro Blikstein e José Paulo Paes. São Paulo: Cultrix, 1969. 162 p.

REIS, C. *O conhecimento da literatura: introdução aos estudos literários*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2003. 447 p.

SAID, E. *Cultura e imperialismo*. Tradução Denise Bottman. São Paulo: Companhia das Letras, 1999. 568 p.



TOCCA, O. *As vozes do romance*. Coimbra: Livraria Almedina, 1983. 320 p. [Série princípios]

YATES, F. A, *L'arte de La Mémoire*. Paris: Gallimard, 1994. 448 p.